

# Alcateia

J. G. Javarez

EDITORA PENALUX  
Guaratinguetá, 2022

## **SAPO-CURURU, DA BEIRA DO RIO**

Ouvi um coaxar triste  
vindo do quarto ao lado.  
Descalça, meus passos mudos  
Se ocultavam no grasnado.  
Não era um pedido de ajuda,  
Nem súplica ou reclamação.  
Era o lamento agudo  
De quem chora uma canção.

Do meio de pilhas de livros,  
Cadernos, papéis avulsos,  
Tirei um volume fino  
Tremendo com um soluço.  
Meio úmido de lágrimas,  
Descontente, jururu,  
Ele me disse que seu nome  
Era sapo-cururu.

Perguntei por que chorava  
E soluçava dolorido.  
Ele me disse que estava,  
Na verdade, comovido.  
Já são tantos desencantos

Não dá mais pra não chorar.  
“Se um dia eu fui alegre,  
Já não posso me lembrar.”

Me conta, me conta vai:  
Por que está angustiado?  
“Não posso visitar meu pai  
No cemitério sepultado”  
Então eu vou no seu lugar  
E levo uma flor carmim.  
“Reze pela alma dele,  
E, por favor, também por mim.”

Outros livros escutavam  
Com bastante atenção,  
Enquanto uns papéis anotavam  
Com muita dedicação:  
“É no silêncio da tua carne.  
Da tua carne de âmbar, nua,  
Quase a espiritualizar-se  
Na aspiração de mais ternura.”

Você canta a beleza  
E também a sedução,  
Muito menos que a tristeza  
Que enche teu coração.  
Derramada assim nas páginas,  
No espaço preto e branco,  
Os teus versos são espadas  
Que nos entram pelo flanco.

Sei pra onde você iria  
Se tivesse a opção:  
À Pasárgada fugiria,  
Uma outra civilização.  
Lá, ginástica faria  
E andaria de bicicleta.  
Lá a tua alegria  
Jamais seria obsoleta.

“Como sabe”, perguntou,  
“da minha cidade querida?”  
Você mesmo me contou  
Numa linda poesia.  
Numa outra você disse  
Que só podia ver o beco.  
A saída é se matar  
Ou encarar o próprio medo?

Você amou, também, eu sei.  
Cantou santas, virgens puras.  
E algumas outras vezes  
Mencionou as prostitutas.  
“Vi carros triunfais... troféus...  
Pérolas grandes como a lua...  
Eu vi os céus! Eu vi os céus!  
— Eu vi-a nua... toda nua!”

Chegou enfim o crepúsculo.  
Foi quando ele esmoreceu.  
Aquele pequeno opúsculo  
De lágrimas amoleceu.

— | | —  
“Quero fugir do mundo,  
Sem glória e sem fé”  
Então soluçou profundo  
E caiu sobre meus pés.

Perguntei: por que soluça?  
Enquanto o erguia do chão.  
O encanto se desfazia:  
Emudecia na minha mão.  
A manhã desabrochava,  
Temi que estivesse com frio.  
E despedindo-se, coaxava:  
Sou sapo-cururu, da beira do rio...

## **PARA DRUMMOND, COM AMOR**

Drummond, por que tem que ser assim?  
Tanta tristeza cansa.  
Você também se cansou, não é mesmo?  
Eu sei, há beleza também, você viu.  
Mas eu não vejo.

Então me leva para longe,  
Para fora, para dentro.  
Desata meus nós e derruba meus muros.  
Expõe todo o lixo, toda a ruína  
E toda a ternura  
Que for capaz de encontrar.

Desenterra meus ossos  
E queima minhas palavras.  
Como a uma criança malcomportada,  
Me ponha no canto do mundo para pensar.  
E, se puder, arranque ou floresça  
Essa semente pontuda que me incomoda  
No peito.

Drummond, me acalente:  
Seja minha mãe, meu pai, meu amante.  
Faça seus versos morarem no meu corpo  
E dele se alimentarem até quando  
Nada mais houver.

Me leva para morar em suas poesias.  
Me deixa fazer uma casa das pedras que encontrei  
No meio do caminho,  
Com telhado de versos

d  
i  
a  
g  
o  
n  
a  
i  
s

Da janela verei uma fonte de ritmo  
À luz de imagens poéticas.

E quando você chegar,  
À noitinha,  
Te perguntarei:  
E agora, Drummond?  
A festa acabou,  
A luz apagou,  
A noite esfriou.  
E agora, Drummond?

E você responderá que nasceu gauche na vida,  
Que rimas não são a solução,  
Que no bonde, hoje, viu pernas de todas as cores,  
Exclamando indignado:  
“Pra quê tanta perna, meu Deus!”

Então, eu te servirei uma dose de conhaque  
Que vai te comover como o diabo.  
Ficaremos em silêncio uns instantes  
E você, Drummond,  
Encerrará a noite com um sorriso:  
“Porque as coisas findas,  
Muito mais que lindas,  
Essas ficarão.”



## DEPRESSÃO

A voz que sai do peito  
E ecoa nos ouvidos  
Entope a boca e o coração  
Dos deprimidos.

O absurdo que era oculto  
Nos sentidos construídos  
Se derrama sobre tudo  
Poluindo.

A tristeza se acumula  
E se transforma em indiferença  
A apatia cresce e anula  
Toda crença.

“Vai varrer o chão que passa”  
“Isso é falta de igreja”  
É o que o povo sempre fala.  
Que beleza...

---

*Livros iluminam*

---

Este livro foi composto em Sabon LT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em setembro de 2022.

---